

Dificuldades de aprendizagem na fase de letramento e alfabetização: desafios da intervenção psicopedagógica e acompanhamento familiar

Zeneide de Lima¹

doi.org/10.47585/eici2022.01.04

Introdução

A pesquisa discorre sobre dificuldades de aprendizagem na fase de letramento e alfabetização, convida a refletir sobre alguns desafios da intervenção psicopedagógica no espaço educacional e familiar.

Situa o leitor, num breve panorama histórico das principais dificuldades de aprendizagem, ressalta a importante parceria entre os contextos familiares e educacionais, e instiga importantes discussões acerca dos fatores predeterminantes para que as crianças iniciem a vida escolar.

Aponta orientações essenciais para a prática educativa do psicopedagogo educacional, frente aos entraves da educação que se apresentem na atualidade, sobretudo, na orientação de familiares e educadores, que necessitam de auxílio especializado para o trabalho com crianças na fase de inserção no ensino fundamental.

E, deseja ser um recurso de pesquisa e suporte profissional de pedagogos, psicopedagogos e sociedade, na busca pela capacitação para a mediação séria e significativa, junto as crianças com dificuldades de aprendizagem.

1 Mestranda em Educação da Universidade Regional de Blumenau - FURB | E-mail: zeneide2009lima@gmail.com

Panorama das dificuldades e/ou problemas de aprendizagem

Historicamente, em diferentes contextos, se depara com crianças com dificuldades de aprendizagem, dificuldades que segundo Dockrell e McShane (1993, p.12) podem ser caracterizadas como: específicas, sendo estas, por exemplo, em situações de leitura e dificuldades gerais, quando apresentam lentidão no aprendizado.

Limeira (2014) afirma que assim como não existe uma única afirmação do que é aprendizagem, não há também uma única definição para o que é dificuldade ou problema de aprendizagem. De acordo com Sisto (*apud* LIMEIRA, 2014, p. 29):

Somente a partir de 1963 é que o campo das chamadas dificuldades de aprendizagem delimitou-se. Nessa época, as dificuldades de aprendizagem eram entendidas como barreiras neurológicas ou emocionais que impediam a aprendizagem das crianças consideradas normais. (SISTO *apud* LIMEIRA, 2014, p. 29).

Atualmente, se pensa em dificuldade de aprendizagem, como algo temporário, que pode ser superado à medida que os alunos recebem ajuda profissional, especialmente de psicopedagogos. Sobretudo, quando não se pensa no termo 'dificuldade de aprendizagem' associado a lesões cerebrais, visuais ou auditivas.

Segundo Major (*apud* LIMEIRA, 2014, p. 29):

O termo problema de aprendizagem, tem sido mal interpretado, devido à grande confusão que provoca. No entanto, esse mesmo autor afirma que problema de aprendizagem, refere-se a crianças que apresentam inteligência mediana, ou acima da média, que não apresentam problemas emocionais ou motores, contudo, em algum momento de suas vidas escolares apresentam alguma dificuldade na realização das atividades. (MAJOR *apud* LIMEIRA, 2014, p. 29).

Ainda, de acordo com Martin e Marchese (*apud* LIMEIRA, 2014, p. 30),

A dificuldade de aprendizagem pode ser compreendida como qualquer dificuldade observável, experienciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizado de seus pares da mesma idade. Neste sentido, problemas situacionais de aprendizagem, problemas de comportamento, ou comunicação, problemas emocionais, físicos, de visão, audição e problemas múltiplos (presença simultânea de um ou mais problemas) podem ser caracterizadas como dificuldades de aprendizagem. (MARTIN; MARCHESE *apud* LIMEIRA, 2014, p. 30).

Para se compreender o que são dificuldades de aprendizagem, é importante que se diferencie o termo dos transtornos de aprendizagem, se sabe que os transtornos estão diretamente ligados a causas neurológicas ou motoras e as dificuldades não. Limeira (2014, p. 29) exemplifica:

O transtorno do déficit de atenção possui uma causa neurológica e a criança portadora deste sintoma, pode sim apresentar dificuldades de aprendizagem. Mas essas dificuldades decorrem do transtorno, ou seja, uma criança diagnosticada com TDAH pode apresentar problemas ou dificuldades de aprendizagem, mas a causa primária desta dificuldade e/ou problema decorre de seu transtorno. (LIMEIRA, 2014, p. 29).

O número de crianças com Dificuldades de Aprendizagem (DA) tem aumentado consideravelmente nos últimos anos no mundo inteiro. Limeira (*apud* CORREA, 2015, p. 4) destaca:

Nos últimos 20 anos o número de alunos com dificuldades de aprendizagem, aumentou consideravelmente, tendo passado em Portugal, de umas dezenas de milhar para mais de uma centena de milhar. Atualmente, estes alunos constituem cerca da metade da população estudantil com Necessidades Educativas Especiais (NEE). (LIMEIRA *apud* CORREA, 2015, p. 4).

Classificação das dificuldades de aprendizagem

Dockrell e McShane (1993, p. 13) no livro ‘Crianças com dificuldade de aprendizagem: uma abordagem cognitiva’ falam em dois sistemas de classificação: 1º como o sistema de classificação etiológico, que ressalta as dificuldades de aprendizagem a partir da causa de origem, em função de sua causa, e em 2º o sistema funcional, que leva em consideração, o nível atual de funcionamento, que pode lançar mão de várias formas de medidas. Os autores ainda ressaltam que é imprescindível que se realize testes de avaliação dos sistemas sensoriais, sobretudo dos sistemas auditivo e visual, que podem passar despercebidos.

Dockrell e McShane (1993, p. 14), ainda enfatizam que

Se passarmos, então da classificação etiológica para a classificação funcional, a base da mesma muda, da causa da dificuldade para alguma medida do nível de desempenho atual da criança. Nos sistemas de classificação funcional, dois grupos de crianças são normalmente separados, em função das medidas de inteligência. O primeiro grupo consiste naquela criança, cujo nível intelectual de desenvolvimento é significativamente inferior à média (quando avaliada por um teste de inteligência) e que conseqüentemente, se desempenham pior em uma variedade de tarefas intelectuais, que por outro grupo de crianças da mesma idade. Essas crianças são chamadas de ‘lentas’ em casos mais graves, de “deficientes mentais”. O segundo grupo consiste em crianças, cujo nível geral de desenvolvimento intelectual é normal, mas que, apesar disto apresentam dificuldades em tarefas específicas, como leitura [...]. Essas crianças são classificadas como tendo uma dificuldade específica de aprendizagem. (DOCKRELL; MCSHANE, 1993, p. 14).

Desenvolver olhar apurado para perceber possíveis sinais de dificuldades de aprendizagens mais acentuados é imprescindível, tendo em vista que o processo de mediação dos profissionais de pedagogia e psicopedagogia, sobretudo, no espaço escolar, pode proporcionar evolução gradativa

da criança, se levado em consideração os recursos adequados, que venham ao encontro da sua necessidade, em vista de evoluir no aprendizado escolar.

Principais dificuldades de aprendizagem

Disortografia

A disortografia vem a ser a dificuldade de escrever corretamente o que se fala, e ocorrem constantes erros ortográficos. Limeira (*apud* KIQUEL, 1985) ressalta que

Para falar em disortografia, é preciso considerar três fatores: o nível de escolaridade, a frequência e os tipos de erros. Assim como não podemos chamar de disgrafia todas as crianças que tenham uma lentidão na escrita, ou uma “letra feia”, não podemos classificar como disortográficas todas as crianças que apresentem dificuldades na linguagem falada. (LIMEIRA *apud* KIQUEL, 1985).

A qualidade da vida escolar destes indivíduos é essencial para que se defina o que realmente é uma dificuldade de aprendizagem, voltada a disortografia, ter conhecimento de sua vida escolar, os diferentes contextos por onde se escolarizou é imprescindível. É necessário observar que no caso das trocas ortográficas, acontecem em três situações: trocas auditivas, trocas visuais e trocas mistas, que devem ser conhecidas pelo adulto mediador, em vista de se chegar a intervenções realmente efetivas.

Disgrafia

Uma dificuldade de aprendizagem que não é tão conhecida pelo nome apresentado, mas que possivelmente faça parte do contexto escolar da maioria dos educadores, que ocorre quando se percebe algum aluno com o traçado da palavra fora do padrão estipulado. Limeira (*apud* MORAIS, 1997, p. 19), define como uma

Deficiência na qualidade do traçado gráfico, sendo que esta deficiência não deve ter como causa um déficit intelectual ou neurológico. Pode ser caracterizado como mais uma dificuldade de aprendizagem que ocorre em indivíduos com inteligência normal, mas que apresentam escrita ilegível e relativamente lenta, o que lhe acomete em dificuldades de aprendizagem escolar. Os acometidos por esta dificuldade também apresentam letras grandes demais ou pequenas demais, pois são fatores dignos de investigação, visto que sugerem a dificuldade em questão, bem acentuada. (LIMEIRA *apud* MORAIS, 1997, p. 19).

Nestes casos, a orientação e mediação do professor é essencial, para que não aconteçam

equivocos, visto que na idade de alfabetização, muitos alunos podem apresentar letras com traçado fora do padrão normal.

Dislexia

É de conhecimento, que a dificuldade de aprendizagem em questão, está relacionada a pessoas que apresentam graves dificuldades em leitura e em consequência disso também escrevem com deficiências, podendo ser pessoas com nível de inteligência normal ou até mesmo acima da média, é caracterizada ainda por distúrbios de memória e orientação espacial e temporal, imagem corporal e distúrbios topográficos ou no padrão motor (LIMEIRA, *apud* JOHNSON; MYKLEBUST, 1983). Esta dificuldade é caracterizada ainda como de origem genética, hereditária, sendo necessário que se tenha segurança ao estabelecer diagnóstico, pois acontecem confusões em relação as demais dificuldades de aprendizagem. O esquecimento de letras e sons e grafia de determinadas músicas, que tenham sido ensaiadas continuamente, por exemplo é um fator pontual de distúrbio de memória, que deve ser levado em consideração. Se depara com realidades, onde crianças acometidas com tal dificuldade não conseguem fazer leituras de avaliações por exemplo e dependem de leitores para que sejam capazes de interpretar o que se pede.

Dificuldades da aprendizagem matemática

Ao falar desta dificuldade de aprendizagem, se elimina aspectos de retardo mental, deficiências visuais ou auditivas e transtornos do desenvolvimento, como sendo responsáveis por estas dificuldades. Na situação em discussão, segue a mesma linha de descobertas que as dificuldades de leitura e escrita, ocorrendo inicialmente com a confusão na compreensão dos conceitos numéricos, dificuldades de contagem com perfeição, de modo que o diagnóstico ocorre em sua maioria depois no 2º ano do Ensino Fundamental, quando a criança já estabeleceu relações seguras com o processo de compreensão da alfabetização. Autores apontam que o teste de desempenho escolar (TDE) voltado à matemática aparece como uma oportunidade de aprimorar o trabalho psicopedagógico, sobretudo na confirmação de erros que são cometidos durante os primeiros contatos com as operações simples e pode dar suporte para a efetivação de intervenções psicopedagógicas em vista de superar as dificuldades voltadas as dificuldades matemáticas, na fase inicial de alfabetização. Se sabe que as dificuldades de aprendizagem se apresentam de diferentes formatos. Em alguns indivíduos são identificadas porque seu desempenho fica abaixo da média se comparado a maioria em determinadas situações de aprendizagem. Em outros casos, são encaminhadas para profissionais especializados por alguma alteração de comportamento, importante que se considere sempre o contexto em que cada situação ocorre para que se possa definir um diagnóstico.

Fase de letramento e alfabetização

É de conhecimento, que a fluência da fala contribui para a apropriação da alfabetização,

crianças com transtornos da linguagem tendem a tardar o processo de assimilação das linguagens. Nogueira (*apud* PEDROSO; ROTTA, 2006, p. 131) ressalta que:

Atualmente os transtornos da linguagem são problemas comuns na infância, com uma prevalência estimada entre 1 e 12%, com média de 5% das crianças pré-escolares e recém-entradas na escola, incidindo em 2 a 4 meninos para cada menina. Das crianças com problemas de linguagem com menos de cinco anos, 60% terão algum grau de retardo mental ou distúrbio do aprendizado aos nove anos de idade sendo a dislexia o principal deles, pois 85% dos disléxicos têm ou tiveram comprometimento na linguagem oral. (NOGUEIRA *apud* PEDROSO; ROTTA, 2006, p. 131).

As discussões em torno do processo de alfabetização se ampliam, está evidente, que no contexto educacional e familiar, muitos são os desafios em torna do êxito na aprendizagem. A Lei de nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, estabelece que crianças a partir de 6 anos de idade sejam matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental. Uma exigência que em muitos casos apressa o processo de maturação dos envolvidos.

Ofiativia (1999, p. 8) ressalta que:

Desde os primórdios da escolarização, a questão da alfabetização sempre ocupou e preocupou educadores – e perpassa os limites de um único país. Sobretudo, pais e professores questionam qual é a melhor forma de apresentar a seus filhos e alunos, respectivamente, a linguagem escrita. Essa mesma questão sempre interessou a muitos pesquisadores, que se dedicaram a estudar e criar diferentes abordagens para alfabetizar ao longo de nossa história. (OFIATIVIA, 1999, p. 8).

O tempo de alfabetização acontece num processo descontínuo, de modo que diferentes indivíduos da mesma idade, num mesmo espaço e tempo, desenvolvem as propostas cada qual em seu tempo, então cabe ao educador e familiares perceber o momento de mediar o processo e cuidar para não ‘atrapalhar’ o ritmo de desenvolvimento do aluno, lhe fornecendo conceitos predeterminados.

Ofiativia (1999, p. 118) ressalta que:

Se a ideia é que a criança venha a ser um cidadão consciente e inteirado de seus direitos e deveres, devemos desde o início do processo educativo dar-lhe condições de ser autônoma, levando-a a questionar e a buscar respostas, em lugar de lhe oferecer respostas prontas. Assim, é fundamental que ela se desenvolva num ambiente de liberdade, para interagir com os outros e com os objetos de conhecimento, e também que possa comprar pontos de vista, questionar, tomar decisões, errar e aprender com os erros.

Se o objetivo é esse, devemos dar espaço para que a criança se expresse, pense e resolva situações. Para isso, é preciso saber o que ela pensa sobre os processos de leitura e escrita. (OFIATIVIA, 1999, p. 8).

As propostas de letramento e alfabetização na atualidade instigam importantes discussões, uma delas, conforme já foi dito, acontece em torno da maturidade das crianças, para que sejam

capazes de compreender o universo das letras e suas representações através da leitura e escrita . As discussões estão em torno do que é mais saudável para a criança, com 6 anos de idade, estas crianças estão preparadas biologicamente para absorverem conhecimentos mais elaborados, darem respostas precisas? Para responder este e outros questionamentos em torno do tempo ‘certo’ para a alfabetização, refletimos ainda o que Oiativia (1999, p. 119) ressalta:

Dessa forma, são necessários cerca de sete anos, na evolução ontogenética do ser humano, para a aquisição do sistema alfabético de escrita e para seu uso como sistema convencional, possibilitando a comunicação e transpassando barreiras espaciais e temporais. (OFIATIVIA, 1999, p. 119).

O processo de alfabetização precisa ser significativo para a criança, sobretudo que ela compreenda o que está desenvolvendo através do ato de ler e escrever, numa compreensão de que ler vai além de decodificar, é sobretudo a compreensão do que se está lendo. Oiativia (1999, p. 120) comenta que a leitura implica em dois processos: “decodificação e compreensão. Num sistema de escrita alfabético, como o português, um leitor só será competente (ou seja, lerá com significado) se conseguir decodificar, já que só assim terá acesso à infinita gama de mensagens que o código possibilita”.

Sobre o grande questionamento: ‘existe idade certa para se alfabetizar?’, Nogueira (2012, p. 34) aponta que:

A epistemologia genética de Piaget tem como foco principal o sujeito epistêmico, ou seja, o sujeito que constrói conhecimentos. Ao refletir sobre este processo de aprendizagem no decorrer do desenvolvimento humano, Piaget parte da relação entre sujeito e o objeto (meio físico e social), postulando que estes estabelecem contínuas relações entre si, em que constitui o outro mutuamente.

Na epistemologia genética, Piaget aborda o processo de construção do conhecimento pelo sujeito, do nascimento até a idade adulta, contudo, seu enfoque principal é no desenvolvimento infantil. (NOGUEIRA, 2012, p. 34).

Então, numa abordagem piagetiana se percebe que as infâncias devem ser asseguradas, sendo possível entender que se deve priorizar momentos lúdicos com oportunidades de brincar em diferentes contextos e garantir que o processo de alfabetização aconteça associado as oportunidades de brincar, que é o grande desafio.

Agravantes no processo de alfabetização

É urgente que se apresente novas políticas de educação que levem o país a avançar, sobretudo para que nossas crianças tenham esperança através da educação. Silva (*apud* BOSSA, 2007, p. 21) nos apresenta alguns pontos de reflexão acerca do fracasso escolar ao longo da história:

As explicações para o fracasso escolar, no Brasil, especialmente durante a década de 1970, superavam o aspecto psicológico e negavam o pedagógico, pois se baseavam em discursos que associavam as dificuldades de aprendizagem a fatores etiológicos que envolviam quase que exclusivamente fatores individuais, tais como: desnutrição, problemas neurológicos e/ou psicológicos, entre outros, e fatores psicológicos. A segunda observação, refere-se ao fato de que na época, a ideia amplamente aceita no Brasil (e em outros países) era a de que os problemas de aprendizagem estavam relacionados a fatores neurológicos. Nessa época, o rótulo de DCM era amplamente difundido, de modo quase rotineiro, como diagnóstico de crianças que apresentavam, como sintoma, dificuldade na aprendizagem. (SILVA, *apud* BOSSA, 2007, p. 21).

As discussões atuais também levam a pensar no professor alfabetizador, em todas as habilidades que deve ter para desenvolver um excelente trabalho. Que esteja, sobretudo, bem formado para contribuir com o desenvolvimento de seus alunos. SILVA, (2012, p. 90), propõe uma reflexão acerca da influência do pedagogo na vida de seus educandos:

Propomos uma reflexão sobre o papel do pedagogo diante da não aprendizagem. Será a dificuldade de aprendizagem, ou a não aprendizagem, um problema apenas do aluno?

A fim de buscarmos respostas para essa questão, lembramos que a aprendizagem é um processo que acontece na intersecção entre professor e aluno, logo, subentende-se a existência de uma relação afetiva, pois, segundo Chamat (1997, p. 58), em qualquer tipo de aprendizagem, a situação deve envolver uma relação afetiva entre quem ensina e quem aprende. (SILVA, 2012, p. 90).

O olhar atento do professor, frente as dificuldades de aprendizagem, é que dará indicativos da necessidade de mais estímulos. SILVA, (2012, p. 92), instiga discussões, ao abordar questões de dificuldades de aprendizagem que podem estar relacionadas ao modo de ensinar:

Buscando então a responder ao questionamento: “Será a dificuldade de aprendizagem, ou a não aprendizagem, um problema apenas do aluno”? [...] Salientamos o papel de protagonista do professor, frente ao processo de aprendizagem. [...].

Acrescentamos que questões externas, relativas ao dia a dia, influenciam e atingem tanto o professor como os alunos, refletindo diretamente na forma com que interagem entre si. (SILVA, 2012, p. 92).

O auxílio profissional de ir além dos muros da escola, ter a família sempre por perto é fundamental, pois a via deve ser de mão dupla, família dando continuidade ao trabalho que a escola está desenvolvendo, o olhar atento dos pais, frente as contínuas descobertas dos alunos é um dos indicativos de prosperidade, pois dará incentivo às crianças e proporcionará crescimento coletivo.

Considerações finais

São inúmeros os fatores que desafiam o trabalho do psicopedagogo na mediação

de crianças com dificuldades de aprendizagem, frente às realidades educacional e familiar, que foram abordadas na pesquisa e possibilitaram ampliar conhecimento e prática, no trabalho educacional.

Tendo em vista, que a proposta envolve crianças em fase de letramento e alfabetização, é possível ressaltar que a fase do desenvolvimento em questão exige muitas reflexões, pois perpassa diferentes olhares: questões de leis, que estabelecem a permanência da criança em determinada fase educacional; questões familiares, que na ignorância ou no excesso de conhecimento acreditam em avanços milagrosos e em proposta educacionais que priorizam ou desconsideram fatores essenciais de maturidade ou imaturidade biológica dos envolvidos e, sobretudo, num contexto educacional brasileiro que não é linear, que aparenta decadência, especialmente na fase inicial de inserção educacional, a qual discutimos.

Contudo, a pesquisa oportunizou aprimorar conceitos acerca das dificuldades de aprendizagem, levando em consideração, que todo indivíduo é capaz de desenvolver-se, na fase inicial de sua escolarização, mesmo que apresente determinadas limitações, sejam elas mais leves ou severas, que conhecer fatores e identificar problemas e/ou dificuldades de aprendizagem é o desafio maior da formação em psicopedagogia, em vista de ser capaz de contribuir para que o trabalho aconteça com seriedade, que a formação de bons profissionais para atuar no espaço educacional deve ser intensificada, compreendendo que o conhecimento vai direcionar todo trabalho de mediação e orientação de crianças, famílias e educadores.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.274**, 6 de fevereiro de 2006.

DOCKRELL, Julie. MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem**: uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 1993.

LIMEIRA, Nathalia Barbosa. **Problemas e Dificuldades de Aprendizagem**. Maringa, PR: Cesumar, 2014.

OFIATIVIA, Ana Cecília. **Alfabetização em três propostas**: da teoria à prática. São Paulo: Ática, 1999.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Dificuldades de aprendizagem**: um olhar psicopedagógico. [recurso eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SILVA, Katia Cilene da. **Introdução à psicopedagogia**. Curitiba: InterSaberes, 2012.